

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Angel Andrés Peraza Espinoza**

**A RELAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA COM AS QUESTÕES  
ATUAIS DE FAMÍLIA E SEXUALIDADE A PARTIR DA  
EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL  
*AMORIS LAETITIA***

**Monografia**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Teologia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Luís Corrêa Lima

Rio de Janeiro  
2024

## **Agradecimentos**

A Deus, que pela sua Luz permitiu com que este trabalho fosse concluído.

A minha terna Mãe Celeste.

Aos meus pais, Angélica Maria Espinoza Venegas e Rodolfo Peraza Arguedas, por darem “sim” à minha vida, por me proporcionarem uma educação maravilhosa e por serem, para mim, exemplo de superação, de amor, de luta e de perseverança.

Aos meus irmãos Steace e José Rodolfo; a minha sobrinha Maria Valentina; aos meus afilhados Samanta, Matheus, Guilherme e Gilberto; aos meus avós Oliva e Miguel (in memoriam); aos tios e primos, de perto ou de longe, pelas orações e pelo incentivo neste itinerário acadêmico.

A sua Eminência Cardeal Orani João Tempesta, O. Cist. Grão-Chanceler da PUC-Rio; a sua Excelência Dom Roque Costa; Ao Reverendo Padre Anderson Pedroso, Reitor da PUC-Rio; ao Reverendo Padre Waldecir Gonzaga diretor do departamento de Teologia PUC-Rio; ao Reverendo Padre Heitor Utrini coordenador do departamento; ao Reverendo Padre Walter Vieira, pelo apoio e amizade.

Ao meu amigo e irmão Marcelo da Silva Soares dos Santos, pela ajuda e amizade fraterna.

Aos professores e professoras do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Ao professor Dr. Pe. Luís Corrêa Lima, pela colaboração para meu crescimento acadêmico e humano, por todo empenho e cuidado na orientação deste trabalho monográfico e por toda dedicação ao serviço da Igreja.

Por fim, agradeço a todos aqueles que oraram por mim.

## Resumo

Espinoza, Angel Andrés Peraza. **A RELAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA COM AS QUESTÕES ATUAIS DE FAMÍLIA E SEXUALIDADE A PARTIR DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL AMORIS LAETITIA.** Rio de Janeiro, 2024. 42p. Monografia apresentada ao Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente estudo tem por objetivo fazer um caminho a partir da Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia do Papa Francisco e de parte da contribuição magisterial precedente e posterior a ela, de modo especial a partir da relação da Igreja Católica com questões atuais referente à família e à sexualidade. Na obra supracitada, o Papa Francisco se utiliza de todo o seu arcabouço para dar respostas objetivas a questões atuais e caminhos profundos para lidar com elas. Como é apresentado no decorrer da pesquisa, o diálogo para com as novas e desafiadoras realidades que se apresentam à sociedade e, conseqüentemente, à Igreja, só é possível se houver um olhar acolhedor e misericordioso, como o de Jesus. Nisto insiste inúmeras vezes o Papa Francisco quando continuamente faz referência à necessidade de diálogo e de responder ao novo.

## Palavras chaves

Amoris Laetitia; família; sexualidade; Igreja; Sínodo.

## **Resumen**

Espinoza, Angel Andrés Peraza. **LA RELACIÓN DE LA IGLESIA CATOLICA CON LAS CUESTIONES ACTUALES DE LA FAMILIA Y LA SEXUALIDAD A PARTIR DE LA EXHORTACIÓN APOSTÓLICA PÓS-SINODAL AMORIS LAETITIA** Rio de Janeiro, 2024. 42p. Monografía apresentada ao Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

El presente estudio tiene como objetivo hacer un recorrido a partir de la Exhortación Apostólica Postsinodal Amoris Laetitia del Papa Francisco y de parte de la contribución magisterial anterior y superior a ella, de manera especial de la relación de la Iglesia Católica con las cuestiones actuales referentes a la familia y la sexualidad. En la obra mencionada, el Papa Francisco utiliza toda su estructura para dar respuestas objetivas a cuestiones actuales y caminos profundos para liderar con ellas. Tal como se presenta en el recorrido de este estudio, el diálogo con las nuevas y desafiantes realidades que se presentan en la sociedad y como consecuencia, la Iglesia solamente es posible si hay una visión acogedora y misericordiosa, como la de Jesús. En esto insiste innumerables veces el Papa Francisco cuando continuamente hace referencias a la necesidad del diálogo y de responder a lo nuevo.

## **Palabras claves**

Amoris Laetitia; familia; sexualidad; Iglesia; Sínodo.

## Sumário

Introdução.....	1
1. Um breve histórico doutrinal da Igreja católica sobre família e sexualidade....	4
1.1. Parte do pensamento católico sobre família e sexualidade ao longo dos séculos.....	4
1.2. Família e sexualidade à luz da Exortação Apostólica Familiaris Consortio e do Compêndio da Doutrina Social da Igreja.....	9
1.3. Amoris Laetitia: uma abordagem atual sobre família e sexualidade.....	12
2. Família e sexualidade: desafios e debates contemporâneos.....	16
2.1. Contemporaneidade e provocações que se apresentam à família cristã...	16
2.2. Debates internos à Igreja.....	20
2.3. Diferentes linhas de pensamento para lidar com os desafios.....	22
3. Perspectivas e desafios pastorais.....	26
3.1. Caminhos pastorais que fundamentam as iniciativas.....	26
3.2. Iniciativas pastorais adotadas em diferentes contextos.....	29
3.3. Futuros desafios e possíveis caminhos ao diálogo e à reconciliação.....	33
4. Conclusão.....	36
5. Referências bibliográficas.....	38

## Siglas

AL	Exortação Apostólica <i>Amoris Laetitia</i>
CA	Encíclica <i>Centesimus annus</i>
Cat	Catecismo da Igreja Católica
CIC	Código de Direito Canônico
DSI	Doutrina Social da Igreja
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
GE	Declaração <i>Gravissimum Educationis</i>
FC	Exortação Apostólica <i>Familiaris Consortio</i>
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen gentium</i>
PCS	Documento final <i>Per una Chiesa Sinodale</i>

## Introdução

Este trabalho monográfico pretende ser um estudo acerca da relação da Igreja Católica com as questões atuais de Família e Sexualidade a partir da Exortação Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*. Este documento faz uma abordagem com um realismo especial ao tema da família e suas diversas situações e realidades atuais. O texto traz um novo olhar pastoral que procura mostrar a beleza e a felicidade do amor na família hoje em dia em meio às situações de crise e às novidades do contexto sociocultural.

A pesquisa apresenta um pouco da realidade da família e da sexualidade hoje, perspectivas de acompanhamento pastoral, e a integração dos casos chamados irregulares, partindo do pressuposto de que todos são filhos e filhas amados de Deus que merecem ser acolhidos, escutados e inseridos não apenas como ouvintes, mas como batizados que contribuem com o desenvolvimento da Igreja de Cristo.

É importante destacar aqui que faz oito anos que o Papa Francisco deu a conhecer a Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* (A Alegria do Amor), que recolhe as reflexões e experiências dos aportes dos últimos Sínodos sobre a família, convocados pelo Papa Francisco em 2014 e 2015. É um texto magisterial muito rico e com um pensamento muito profundo sobre o amor na família, que não afasta os problemas atuais e reais das pessoas, mas aprofunda e insiste na necessidade de que a Igreja e seus ministros compreendam, acompanhem, integrem e tenham os braços abertos para todos, de modo especial para aqueles que mais sofrem.

A grande particularidade da Exortação é o realismo com que é tratado e abordado o tema da família. O texto tem em conta as múltiplas e variadas situações e realidades pelas quais passam as famílias: suas alegrias e sofrimentos; suas esperanças e penas; suas dificuldades e realizações. Ao longo deste trabalho se pretende realizar um percurso muito importante para que seja compreendido todo este processo pelo qual passam as famílias hoje.

A Exortação nos convida a olhar com ternura para cada uma das diversas realidades existentes. O Papa Francisco é enfático ao afirmar que “o bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja” (AL, 2016, 31). Em cada um dos capítulos deste trabalho é possível observar a importância de uma cultura do encontro e uma

experiência de diálogo, de acolhida, e de liberdade interior para poder abraçar a cada pessoa humana, da mesma forma que o próprio Jesus faria.

É importante ter claro que a realidade é mais importante que as idealizações. Por isso, cada batizado é convidado a, antes de tudo, se deixar reconciliar com Deus Trino, o que supõe a convicção de que Deus é rico em misericórdia e sempre está disposto a dar novas oportunidades para recomeçar. A família é imagem viva desse amor trinitario e é chamada a permanecer nesse Amor.

A Exortação é um convite do Papa Francisco para que todos experimentem a alegria do amor. Apesar das profundas e realistas análises da realidade, onde toca em diversos temas onde se percebe a fragilidade e miséria humanas, ele não perde de vista o otimismo ao se deparar com tudo o que está acontecendo. Já na *Evangelii Gaudium* o Papa diz que não devemos propagar uma pastoral do lamento, e sim entender as oportunidades de ação que nos são concedidas no tempo presente.

Acima de tudo, não se deve perder de vista que o Senhor tem um plano de salvação para todas as famílias, e que cada um é responsável por ser um promotor do Reino de Deus nas diversas ocasiões em que se encontra. Deste modo, cada um deve se responsabilizar por este projeto e ser um instrumento que leva a cabo o plano salvífico a si e aos que encontra.

Em uma leitura atenta vê-se que o documento é um presente para a Igreja. Para sua interpretação é importante ter a necessidade da renovação dos ensinamentos da Igreja. Outro aspecto importante são os recursos inovadores que são apresentados pela própria Exortação. É muito importante observar que o Papa Francisco apresenta de uma maneira muito sensível seu interesse por todos. O Evangelho da família deve ser motivo de alegria (Laetitia).

Este trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, se faz uma abordagem de um breve histórico doutrinal da Igreja católica sobre família e sexualidade, fazendo um percurso do pensamento católico sobre esse tema ao longo dos séculos, passando pela exortação apostólica *Familiaris Consortio* e o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* até chegar à Exortação *Amoris Laetitia*, do Papa Francisco. No segundo capítulo, serão abordados os desafios e debates contemporâneos, observando a contemporaneidade e as provocações presentes na família cristã; alguns

debates internos à Igreja; e as diferentes linhas de pensamento para poder lidar com os desafios presentes na família.

No terceiro capítulo, serão abordadas as perspectivas e os desafios pastorais, fazendo um percurso pelos caminhos pastorais que fundamentam iniciativas pastorais adotadas em diferentes contextos. Na última parte do trabalho podemos ver os futuros desafios e possíveis caminhos que promovem o diálogo e a reconciliação. Por fim segue a conclusão, onde de forma sintética serão destacadas as principais ideias contidas neste estudo. De modo igual, serão feitas considerações acerca da relevância dos conteúdos expostos e das chaves de leitura que aparecem como convite a estudos futuros, uma vez que o objeto de estudo proposto nesta pesquisa está muito longe de ser esgotado e fornece um campo de pesquisa apaixonante e desafiador.

# 1

## **Um breve histórico doutrinal da Igreja católica sobre família e sexualidade**

### 1.1

#### **Parte do pensamento católico sobre família e sexualidade ao longo dos séculos**

Para dissertar acerca do pensamento católico sobre família e sexualidade, é importante saber que esses ensinamentos são derivados de interpretações das Escrituras e de tradições teológicas que evoluíram ao longo dos séculos. Embora estes ensinamentos tenham sofrido alguma evolução e adaptação, certos princípios fundamentais permaneceram constantes.

Desde os primeiros séculos do cristianismo, conforme María Consuelo Mejía no artigo intitulado *Sexualidad y derechos sexuales: el discurso de la Iglesia catolica*, a Igreja Católica aceitou muitas ideias do estoicismo quanto ao prazer sexual, que era visto predominantemente no prisma da procriação. Esta posição foi reforçada com o gnosticismo, que insistia no bem da alma e no diabólico do mundo, especialmente do corpo. Clemente de Alexandria, bispo do século II, afirmava que o desejo sexual e a paixão no sexo eram pecaminosos e próprios de animais; em contrapartida, a procriação e o nascimento eram sagrados. No século IV, a ideia de que o casamento era uma forma sagrada de servir a Deus foi substituída pelo entendimento do matrimônio como compromisso permitido entre o pecado e a virtude (2003, p. 47-48).

Posteriormente, a igreja começou a considerar a procriação como o bem primário do casamento; o prazer sexual e o desejo eram sérios problemas morais do matrimônio; este tema se deu a conhecer através da interpretação da “lei natural”. A interpretação católica tradicional da lei natural da sexualidade diz que Deus desenhou a biologia humana de tal modo que a cópula sexual teve como resultado a procriação e o nascimento dos filhos, os quais devem ser criados por uniões estáveis para satisfazer todas as suas necessidades materiais, espirituais e coletivas. Deste modo, a Igreja afirmava que o sexo no matrimônio estava destinado para a procriação, e fora dele era pecaminoso e moralmente irresponsável (MEJÍA, 2003, p. 48).

A condenação das relações sexuais aparece com frequência em muitos dos ensinamentos morais da Igreja católica em temas relacionados ao matrimônio, à anticoncepção e ao aborto. Consequentemente, existem perspectivas teológicas contra o aborto que não estão somente baseadas em uma ética que proíbe matar, mas também em uma ética sobre a sexualidade e as mulheres. Esta ética se caracteriza pela sua hostilidade histórica e contemporânea, pelo seu rechaço às mulheres, ao corpo, à sexualidade e ao prazer (MEJÍA, 2003, p. 49).

O sexo, conforme Karla Pollmann e Willemien Otten, no capítulo *De Nuptiis et Concupiscentia* do livro *The Oxford Guide to the Historical Reception of Augustine*, era considerado tão deplorável por alguns pastores cristãos da época que Santo Agostinho chegou a dizer que se pudesse encontrar outro caminho para propagar a espécie, o sexo seria ilícito. Santo Agostinho, cujo pensamento determinou por um milênio a postura da Igreja católica em matéria de sexualidade, entendia o ato sexual como a forma de transmitir o pecado original de geração. Em contrapartida, estranhamente, condenou aqueles que praticavam a abstinência periódica, considerando-os egoístas<sup>1</sup> (2014, p. 229-230).

No século VI, sob o reinado do imperador estoico-cristão Justiniano (527-565 d.C.), criou-se o sacramento da confissão privada e surgiram os "confessionários", que eram livros onde apareciam todos os pecados sexuais que um cristão poderia cometer com seu equivalente em penitência. O próprio imperador Justiniano estabeleceu um calendário rígido para a prática das relações sexuais com finalidade reprodutiva. Conforme Christine Gudorf:

O ato sexual é proscrito na véspera das festas da obrigação; quintas-feiras em memória da Última Ceia; Sextas-feiras em memória da crucificação, sábados em honra da Santíssima Virgem e domingos em memória da ressurreição de Cristo. Só podia ser copulado às segundas, terças e quartas-feiras que não caíssem na Quaresma. Dois séculos depois, o imperador Carlos Magno proibiu as segundas-feiras em homenagem aos Santos Defuntos, e estendeu essa proibição para 50 dias após a Páscoa até a festa de Pentecostes e 40 dias antes do Natal (1996, p.18).

O sexo também era proibido: três dias antes da recepção dos sacramentos; durante a menstruação, a gravidez e a parentalidade; após a menopausa; durante a Quaresma e o Advento; e nos dias de festa. Como afirma Kissling no capítulo *The problem: sex* do livro *The Gospel According to Woman*, quando um casal encontrava

---

<sup>1</sup> Uma alusão a este tema é a de Juan Carlos Hernández numa conferência sobre a *História das ideias da sexualidade no Ocidente*.

uma terça-feira que não se enquadra nessas proibições, eles provavelmente já estariam sexualmente paralisados (1987, p. 39). A Igreja Católica também ensinava que havia sérias penalidades para quem não se abstinisse de sexo durante os períodos prescritos. Do século V ao XII, o prazer sexual era considerado pecaminoso e os fiéis tinham que fazer todo o possível para evitá-lo. Do século XII até os dias atuais, ainda há quem considere o prazer sexual pecaminoso mesmo entre casais, sendo “correto” apenas quando direcionado à procriação.

Em muitas culturas, a ética e a espiritualidade tomam a sexualidade como um de seus elementos essenciais e, muitas vezes, o vínculo entre as duas é de natureza religiosa. Na tradição cristã católica afirma-se que a fé tem exigências morais que devem ser concretizadas e especificadas nas circunstâncias históricas. Essa tarefa de especificar e aplicar corresponde a cada crença dentro da comunidade; mas, além disso, na Igreja Católica historicamente foi definida uma autoridade que orienta e contribui nesta e em outras áreas da vida dos crentes. Essa autoridade tem sido chamada de Magistério. E tendo em vista as reflexões que se seguirão ao longo deste estudo, convém dar atenção ao que ele representa.

O Magistério está diretamente relacionado ao *múnus* de ensinar da Igreja. Conforme o Código de Direito Canônico (CIC):

A Igreja, à qual Cristo Senhor confiou o depósito da fé, para que ela, assistida pelo Espírito Santo, guardasse inviolavelmente, perscrutasse mais intimamente, anunciasse e expusesse fielmente a verdade revelada, tem o dever e o direito originário, independentemente de qualquer poder humano, de pregar o Evangelho a todos os povos, utilizando até meios de comunicação social próprios (CIC 747, §1).

Embora o Novo Testamento não mencione expressamente que a autoridade magisterial é detida pelos bispos, o cristianismo católico aceitou-os como testemunhas autorizadas da Tradição Apostólica. Testemunhas com autoridade conferida pelo sacramento da ordenação episcopal. Em outras palavras, o Magistério dentro do cristianismo católico não é visto como terminando no tempo dos Apóstolos, mas continua como um dom permanente através de seus sucessores (os bispos, incluindo o sucessor de Pedro, o Papa), que devem zelar pela permanência da doutrina recebida.

A palavra *magistério* significava no latim clássico o ensino e o governo que um professor exerce sobre seus discípulos. O termo tinha várias aplicações: mestre de um navio; mestre de obras; etc. Na Idade Média, foi aplicado ao professor. Na Igreja

Católica de hoje, Magistério refere-se ao ofício de ensinar, interpretar, propor e proteger com base na Revelação (Bíblia e Tradição) o que se relaciona com questões de fé e moral. Conforme o Código de Direito Canônico:

À Igreja compete anunciar sempre e em toda a parte os princípios morais, mesmo de ordem social, bem como emitir juízo acerca de quaisquer realidades humanas, na medida em que o exijam os direitos fundamentais da pessoa humana ou a salvação das almas (CIC 747, §2).

Em outras palavras, é a tarefa de concretizar e especificar no momento histórico correspondente a exigência moral que a fé coloca. Tal e como podemos ver nos cânones 747-755 do Código de Direito Canônico (CIC), o Magistério pode ser pontifício (exercido pelo Papa), episcopal (exercido pelos bispos; individual ou colegialmente), e conciliar ou sinodal (universal, regional ou diocesano). Em relação ao caráter (posto ao nível de autoridade) pode ser falível ou ordinário, como será exposto na sequência.

O Código ainda ressalta que: “Todos os homens estão obrigados a procurar a verdade no que concerne a Deus e à sua Igreja, e, uma vez conhecida, em virtude da lei divina, têm obrigação e gozam do direito de a abraçar e observar” (CIC 748,§1). O caráter falível ou ordinário ocorre da seguinte forma: quando se percebe que princípios inalienáveis de fé estão envolvidos em questões discutíveis, é emitida uma opinião ou orientação não definitiva que pode ser reformada. Por exemplo, os ensinamentos da Doutrina Social da Igreja ou encíclicas como a *Humanae Vitae* (1968), de conhecida importância em matéria de controle de natalidade.

O caráter Infalível ou extraordinário (ou *ex cathedra*) é caracterizado pelas afirmações definitivas expressas apenas em matéria de fé e moral. Nas palavras do Código:

Em virtude do seu cargo, o Sumo Pontífice goza de infalibilidade no magistério quando, como supremo Pastor e Doutor de todos os fiéis, a quem pertence confirmar na fé os seus irmãos, proclama por um acto definitivo que tem de ser aceite uma doutrina acerca da fé ou dos costumes (CIC 749, §1).

Este tipo de magistério tem sempre de ser exercido pelo Papa, por um concílio ecuménico (universal) ou pelo Colégio Episcopal (todos os bispos em comunhão com o Papa); e só foi exercido em ocasiões muito especiais, como a declaração do dogma da Assunção de Maria, feita pelo Papa Pio XII, em 1950. Até hoje esse tipo de magistério nunca foi exercido em questões de ética ou sexualidade.

O Magistério geralmente se expressa oralmente (discursos, conferências, reuniões, homilias, meditações) e por escrito. No que diz respeito ao Magistério escrito,

os níveis de importância são distinguidos dependendo de quem o apoia, do assunto tratado, e de como o documento será chamado. Em ordem de importância, pode-se citar o seguinte: Constituição Dogmática, Constituição Pastoral, Carta Encíclica, Constituição Apostólica, Declarações, Exortações Apostólicas, etc.

Tanto o magistério ordinário como o extraordinário, oral ou escrito, pedem aos católicos que ouçam com atenção e respeito. Embora alguns teólogos sejam da opinião de que um documento emitido pelo papa não se torna parte do magistério até que seja "recebido", isto é, aceito pelo conjunto dos fiéis, há também um debate sobre o valor normativo das opiniões da hierarquia sobre um conteúdo ético cujas proposições não se manifestam na própria revelação:

Deve-se crer com fé divina e católica em tudo o que se contém na palavra de Deus escrita ou transmitida por Tradição, ou seja, no único depósito da fé confiado à Igreja, quando ao mesmo tempo é proposto como divinamente revelado quer pelo magistério solene da Igreja, quer pelo seu magistério ordinário e universal; isto é, o que se manifesta na adesão comum dos fiéis sob a condução do sagrado magistério; por conseguinte, todos têm a obrigação de evitar quaisquer doutrinas contrárias. (CIC 750, §1).

Mesmo que se expressem de forma solene, pertenceriam a uma função pastoral e orientadora, e não a um autêntico magistério doutrinário, isto é, não seriam absolutamente obrigatórias. Questiona-se, inclusive, se é possível fazer juízos absolutamente definitivos e irreversíveis sobre esse tipo de questão, uma vez que é difícil excluir a possibilidade de que a experiência futura possa exigir uma revisão da norma formulada.

Outro elemento importante a ser destacado a esse respeito consta na *Constituição dogmática Luz das Nações (Lumen Gentium)*:

A totalidade dos fiéis que receberam a unção do Santo (cfr. Jo. 2, 20 e 27), não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do povo todo, quando este, “desde os Bispos até ao último dos leigos fiéis”, manifesta consenso universal em matéria de fé e costumes. Com este sentido da fé, que se desperta e sustenta pela ação do Espírito de verdade, o Povo de Deus, sob a direção do sagrado magistério que fielmente acata, já não recebe simples palavras de homens mas a verdadeira palavra de Deus (cfr. 1 Tess. 2,13), adere indefectivelmente à fé uma vez confiada aos santos (cfr. Jud. 3), penetra-a mais profundamente com juízo acertado e aplica-a mais totalmente na vida. (LG, 1968, 12).

Essa tarefa de concretizar e especificar o momento histórico correspondente a exigência moral que a fé impõe está presente em todo o Povo de Deus sob a direção do Magistério. Há uma espécie de senso comum de fé que dá a cada batizado a capacidade de aplicar os princípios fundamentais da fé na vida cotidiana.

Partindo desse pensamento introdutório, convém tratar mais especificamente do que a Igreja fala sobre a família e a sexualidade. Como este é um assunto muito extenso, esta síntese se limitará, no tópico seguinte, ao pensamento do pontificado de São João Paulo II através da Exortação Apostólica Familiaris Consortio e do Compêndio da Doutrina Social da Igreja.

## 1.2

### **Família e sexualidade à luz da Exortação Apostólica Familiaris Consortio e do Compêndio da Doutrina Social da Igreja**

A partir das considerações precedentes acerca de parte do modo como a família e a sexualidade foram assimiladas pelo pensamento católico nos séculos remotos, convém dar um acento maior a contribuições mais recentes no que tange à família e à sexualidade. Para se aproximar deste fim, serão analisadas a Exortação Apostólica Familiaris Consortio (FC), de 1981, e o Compêndio da Doutrina Social da Igreja (DSI), de 2004.

A Exortação Apostólica Familiaris Consortio se dedicou a dissertar sobre a função da família cristã diante de uma sociedade que cada vez mais passava por profundas e rápidas transformações sociais e culturais. Tal esforço caracterizou a preocupação da Igreja em instruir continuamente as famílias cristãs, ressaltando a importância do matrimônio e da família (FC, 1981, 1-3).

Para tal instrução, era importante conhecer as situações sociais e culturais nas quais estava inserido o matrimônio, a fim de, pelo discernimento, se chegar a uma eficaz evangelização. A Exortação afirma que as famílias se encontravam em um contexto que poderia ser caracterizado por um conjunto de luzes e sombras, isto é, aspectos positivos e negativos:

Por um lado, de facto, existe uma consciência mais viva da liberdade pessoal e uma maior atenção à qualidade das relações interpessoais no matrimônio, à promoção da dignidade da mulher, à procriação responsável, à educação dos filhos. [...] Por outro lado, contudo, não faltam sinais de degradação preocupante de alguns valores fundamentais: uma errada concepção teórica e prática da independência dos cônjuges entre si; as graves ambiguidades acerca da relação de autoridade entre pais e filhos; as dificuldades concretas, que a família muitas vezes experimenta na transmissão dos valores; o número crescente dos divórcios; a praga do aborto; o recurso cada vez mais frequente à esterilização; a instauração de uma verdadeira e própria mentalidade contraceptiva (FC, 1981, 6).

Logo, vemos por parte da Igreja a preocupação em conservar um ideal de família cristã frente ao que a Exortação interpreta como fenômenos negativos que exigem dos cristãos sabedoria e empenho profundos, a fim de entender e conservar o que Deus espera do matrimônio e da família.

A caracterização de família na *Familiaris Consortio* parte de uma teologia onde o amor é concebido como a vocação originária do ser humano, uma vez que, como afirma o número 11, “Deus é amor e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor”. Disto decorre o matrimônio refletir a comunhão que Deus estabeleceu com o seu povo, cujo ápice se verifica na doação de Jesus, esposo da Igreja, por toda a humanidade (FC, 1981, 11-13).

Esta profunda comunhão, reflexo do próprio Deus, é o que dá sentido ao matrimônio, à virgindade, aos filhos, à indissolubilidade, à união da família, à valorização de cada membro da família, à valorização da vida, às dificuldades na vida conjugal, à educação dos filhos, ao engajamento social, à evangelização e à pastoral.

Conseqüentemente, a *Familiaris Consortio* compreende que a sexualidade humana é uma realidade que transcende as necessidades biológicas e se caracteriza por aquilo que diz respeito ao núcleo mais íntimo da pessoa humana, pois traduz um grande valor dado por Deus e uma missão a toda pessoa humana. Quando não vista deste modo, pode ser interpretada como realidade que não compreende o indivíduo em sua dimensão mais profunda, o que pode conduzir a uma objetificação que fere a criação divina, uma vez que dissolve a unidade de alma e corpo (FC, 1981, 11 e 32).

Logo, a *Familiaris Consortio* enfatiza que a sexualidade é uma riqueza de todo o indivíduo, cujo sentido íntimo e mais sublime é identificável com a doação de si mesmo, no amor. Essa plena entrega de si, na realidade conjugal, justifica a doação do casal um ao outro até à morte (FC, 1981, 11 e 37).

O *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* também tece considerações relevantes sobre a família, mais especificamente dedica o capítulo V, localizado na segunda parte, intitulado *A família: célula vital da sociedade*. Inicialmente o *Compêndio* trata a família como a primeira sociedade natural, ressaltando a sua fundamentação bíblica e a sua importância ao indivíduo e à sociedade (DSI, 2004, 209-214).

Em seguida sublinha que o matrimônio é o alicerce da família, cujo fundamento se encontra na livre vontade dos cônjuges em aderir a uma proposta que não deriva de convenções humanas e imposições legislativas, mas do próprio Deus que inspira o casal à doação recíproca em sua totalidade física e espiritual, a fim de formar uma só carne (Gn 2,24) e se abrir à procriação e à educação dos filhos (DSI, 2004, 215-218).

Esse alicerce, que é o amor, é necessário para que a família seja um espaço de formação da pessoa humana, onde ela se desenvolve e se abre a relações em outras comunidades. Nas palavras do Compêndio:

A família, que vive construindo todos os dias uma rede de relações interpessoais, internas e externas, põe-se por sua vez como “a primeira e insubstituível escola de sociabilidade, exemplo e estímulo para as mais amplas relações comunitárias na mira do respeito, da justiça, do diálogo, do amor” (DSI, 2004, 212).

Nessa escola de relações, o amor jamais pode ser reduzido às emoções, aos sentimentos e à expressão sexual, uma vez que relativizar a experiência do amor e da sexualidade seria obscurecer os valores fundamentais que são intrínsecos a essas realidades. Por essa razão, é essencial o testemunho cristão do amor e da sexualidade conjugal, caracterizados pela unidade e pela fidelidade (DSI, 2004, 223).

Por mais que a indissolubilidade faça parte da natureza do amor conjugal, a Igreja não abandona aqueles(as) que, após um divórcio, voltam a se casar. Muito pelo contrário, ela reza por eles, os anima na vida espiritual e ressalta que devem participar da vida eclesial através da escuta da Palavra de Deus, da frequência do sacrifício da Missa, da oração, das obras de caridade, das iniciativas na comunidade, da educação dos filhos na fé, e do cultivo da piedade (DSI, 2004, 226).

O Compêndio da Doutrina Social da Igreja destaca a importância de uma educação aos filhos que contribua para uma sexualidade sadia, conforme o Papa João Paulo II já havia mencionado na Encíclica *Centesimus annus*. Também é interessante perceber que em 2004, através do Compêndio, a Igreja já se posicionava acerca de questões de gênero:

Em face das teorias que consideram a identidade de gênero somente o produto cultural e social derivante da interação entre a comunidade e o indivíduo, prescindindo da identidade sexual pessoal e sem referência alguma ao verdadeiro significado da sexualidade, a Igreja não se cansará de reafirmar o próprio ensinamento: cabe a cada um, homem e mulher, reconhecer e aceitar sua identidade sexual. [...] Esta é uma perspectiva que faz considerar

imprescindível a conformação do direito positivo com a lei natural, segundo a qual a identidade sexual é indisponível, porque é a condição objetiva para formar um casal no matrimônio (DSI, 2004, 224).

Outro tema ao qual o Compêndio não se ausenta é o uso de meios contraceptivos. Ele salienta que a rejeição a tais métodos tem seu alicerce em uma “concepção correta e integral da pessoa e da sexualidade humana” (DSI, 2004, 233), o que contribuiria para uma ordem social mais humana. Por isso, seria essencial que os pais educassem seus filhos para progressivamente aprenderem o significado da sexualidade e dos valores humanos a ela inerentes (DSI, 2004, 223 e 243).

Após apresentar uma ideia geral do que trata a *Familiaris Consortio* e o Compêndio da Doutrina Social da Igreja sobre a família, o matrimônio e a sexualidade, convém trazer à discussão uma contribuição mais recente, a fim de perceber o diálogo que a Igreja vem estabelecendo com tais realidades.

### 1.3

#### **Amoris Laetitia: uma abordagem atual sobre família e sexualidade**

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* (AL), “A alegria do Amor”, é um extenso escrito que contém nove capítulos e 325 parágrafos. Ela é fruto de dois ciclos de consultas e de dois complexos sínodos episcopais celebrados em Roma em outubro de 2014 e em outubro de 2015. Esta exortação apresenta um estilo claro e direto, onde o Santo Padre pede menos rigidez doutrinal, mais discernimento e escuta e, sobretudo, mais misericórdia. A novidade do documento não está nas mudanças doutrinárias, mas na maneira de apresentar a moral familiar e sexual católica.

Fazendo uma leitura bastante realista da situação da família no mundo, que vai do número 31 ao 57, Francisco também realiza uma autocrítica, algo raro entre os papas. Ele reconhece que é vigente uma falha na forma como as pessoas são tratadas e que muitas vezes a Igreja permaneceu em “uma denúncia retórica dos males atuais”. Por isso, ele ressalta que não mais convém impor regras pela autoridade e que é preciso fazer um esforço para apresentar as razões e motivações para a escolha do casamento e da família (AL, 2016, 35 e 36).

O Santo Padre afirma que “às vezes nós nos comportamos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega, é a casa paterna

onde há espaço para cada um com a sua vida sobre os ombros” (AL, 2016, 310). É perceptível como a Igreja hoje tende mais a propor valores do que ditar regras minuciosas de comportamento, como foi há muito quanto à moral sexual.

Esta exortação oferece muitas luzes sobre temas importantes e oportunos na atualidade. Nas palavras do Papa Francisco:

O bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja. Inúmeras são as análises feitas sobre o matrimônio e a família, sobre as suas dificuldades e desafios atuais. É salutar prestar atenção à realidade concreta, porque “os pedidos e os apelos do Espírito ressoam também nos acontecimentos da história” através dos quais “a Igreja pode ser guiada para uma compreensão mais profunda do inexaurível mistério do matrimônio e da família”. (AL, 2016, 31).

O fio condutor apresentado na *Amoris Laetitia* é o amor que se apresenta como verdade, alegria e misericórdia. O Espírito Santo suscita no santo padre o aceno a uma maior liberdade através de uma comunicação eficaz. Outros aspectos importantes na Exortação são a valorização da família e a proposta de uma nova linguagem.

A *Amoris Laetitia* está em plena comunhão com a proposta do Concílio Vaticano II quanto a uma sexualidade madura e um diálogo eficaz. A *Declaração sobre a Educação Cristã (Gravissimum educationis)* afirma:

Sejam preparados por uma educação sexual positiva e prudente. Além disso, sejam treinados de forma a participarem da vida social. Assim, perfeitamente equipados com os instrumentos necessários e oportunos, estejam habilitados a entrosar-se ativamente nos diversos grupos da comunidade humana, abrindo-se para o diálogo com os outros e empenhando-se com gosto no esforço de promover o bem comum (GE, 1968, 1).

A educação da sexualidade humana é uma etapa importante na formação de uma pessoa madura. Apesar da banalização da sexualidade, o Papa Francisco na *Amoris Laetitia* ressalta que a educação sexual só faz sentido se for uma educação para o amor, para uma doação mútua, para o conhecimento de si mesmo, para o autocontrole e para a compreensão sobre o que é o verdadeiro amor.

O Papa destaca que, apesar de atualmente haver muitas informações disponíveis sobre sexualidade, muitas delas acabam chegando a crianças e jovens que ainda não têm a maturidade necessária para compreendê-las:

A informação deve chegar no momento apropriado e de forma adequada à fase que vivem. Não é útil saturá-los de dados, sem o desenvolvimento do sentido crítico perante uma invasão de propostas, perante a pornografia descontrolada e a sobrecarga de estímulos que podem mutilar a sexualidade. Os jovens devem poder dar-se conta de que são bombardeados por

mensagens que não procuram o seu bem e o seu amadurecimento.” (AL, 2016, 281).

O Santo Padre insiste que é fundamental uma educação para o pudor e para a não objetificação do outro e de si mesmo:

É uma defesa natural da pessoa que resguarda a sua interioridade e evita ser transformada em mero objeto. Sem o pudor, podemos reduzir o afeto e a sexualidade a obsessões que nos concentram apenas nos órgãos genitais, em morbidades que deformam a nossa capacidade de amar e em várias formas de violência sexual que nos levam a ser tratados de forma desumana ou a prejudicar os outros (AL, 2016, 282).

Outra ressalva feita pelo Papa, que se encontra no parágrafo 283, é sobre expressões como “sexo seguro” ou a “se proteger” (AL 283), pois induz ao erro de enxergar a vinda de um filho como um “mal a ser evitado” ou um “inimigo do qual é preciso se proteger”. Essa mentalidade incentiva um comportamento egoísta e narcisista, que busca o próprio prazer no ato sexual sem se importar com as consequências e com a abertura à vida.

É muita irresponsabilidade estimular os adolescentes e jovens a brincarem com seus corpos e desejos. Ao invés disso, deveria lhes ser ensinado o significado profundo de se entregar a alguém (AL 283). E essa expressão de amor verdadeiro acontece quando ambos têm assumido um compromisso público de cuidado mútuo por toda a vida através do sacramento do matrimônio.

A *Amoris Laetitia* é uma Exortação que convida a uma nova e exigente postura, uma nova *práxis*. Ela convida à abertura, à ousadia, à descoberta, à coragem e ao discernimento. Ela não encerra o diálogo sobre família, sacramento do Matrimônio ou moral, mas marca um novo momento, um ponto de partida<sup>2</sup>, uma inflexão<sup>3</sup>.

A má abordagem que a cultura atual faz da sexualidade não contribui em nada para a realização do anseio de plenitude e felicidade que caracteriza o coração dos jovens, que intuem de modo natural que o corpo e a sexualidade são elementos centrais para a sua realização pessoal. Infelizmente, muitos deles não alcançam essa grandeza

---

<sup>2</sup> KUZMA, C. Misericórdia e amor: ‘Amoris Laetitia’ como ponto de partida e não somente de chegada. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/553438-mise-ricordia-e-amor-amoris-laetitia-como-ponto-de-partida-e-nao-somente-de-chegada-entrevista-especial-com-cesar-kuzma>: . Acesso em 24/08/2024.

<sup>3</sup> KEENAN, J. F. KEENAN, J. F. Ler a *Amoris Laetitia* sob a nova luz da Páscoa. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/566905-ler-amoris-laetitia-sob-a-nova-luz-da-pascoa>>. Acesso em 24/08/2024.

peçoal. Para muitos o sexo e o corpo são realidades problemáticas que acabam sendo marginalizadas.

O Papa Francisco denuncia essa preocupante realidade cultural: “Muitos são aqueles que tendem a ficar nos estágios primários da vida emocional e sexual” (AL, 2016, 46). Deste modo, ele aponta à banalização da sexualidade, que faz com que as reais necessidades dos jovens não sejam levadas a sério.

Após apresentar parte do histórico doutrinal da Igreja católica sobre família e sexualidade, convém dar uma atenção maior aos desafios concretos inerentes às famílias. Além disso, se pretende exibir alguns debates externos e internos à Igreja com relação ao novo que constante e rapidamente se apresenta às famílias.

## **2 Família e sexualidade: desafios e debates contemporâneos**

### **2.1 Contemporaneidade e provocações que se apresentam à família cristã**

É inegável que os tempos atuais são marcados por grandes transformações sociais e econômicas, tais como a intensa produção, o consumo predatório, o desenvolvimento tecnológico, o aprimoramento industrial, o crescente individualismo, e a separação dos poderes do Estado das religiões. Em meio a tantas modificações, comumente os cristãos se questionam sobre a relevância, o papel e o posicionamento da Igreja frente ao novo que se apresenta.

Contudo, independentemente dos desafios pelos quais a Igreja passa, é essencial que ela adeque sua linguagem para dialogar com tais realidades. O sociólogo e teólogo Peter Ludwig Berger e a socióloga Brigitte Berger no capítulo *What is a social institution?*, do livro *Sociology: a biographical approach*, trazem considerações relevantes sobre o binômio instituição-linguagem que podem contribuir com a discussão aqui pretendida.

Segundo Peter Berger e Brigitte Berger, a linguagem é a primeira instituição com a qual o indivíduo se defronta<sup>4</sup>. Dela decorrem cinco características fundamentais aplicáveis a todas as instituições, a saber: a exterioridade, a objetividade, a coercitividade, a historicidade, e a autoridade moral (1975, p. 195).

A primeira característica fundamental é a exterioridade. Peter Berger e Brigitte Berger introduzem afirmando que as instituições são experimentadas como algo dotado de uma realidade exterior, isto é, existem fora do indivíduo quer ele queira, quer não (1975, p. 195-196). No caso da Igreja e da família, suas presenças no mundo são conhecidas por todos e, por mais que os Estados se inclinem a serem laicos e novos modelos de família apareçam, ambas as instituições continuam tendo expressividade.

---

<sup>4</sup> Por mais que eles também considerem que, de certo modo, a família também possa ser considerada a primeira instituição com a qual o indivíduo tem contato, tal percepção só é adquirida pela criança quando ela começa a ter contato com outras crianças e, conseqüentemente, outras famílias, enquanto que a linguagem já envolve o indivíduo desde o início da vida em seus aspectos macrossociais.

A segunda característica das instituições é a objetividade. Para uma realidade ser objetivamente real, é necessário que uma coletividade admita que, de fato, ela exista ou tenha a possibilidade de existir (BERGER; BERGER, 1975, p. 196). No caso da Igreja e da família, suas objetividades são inquestionáveis, uma vez que são instituições já disseminadas.

A terceira propriedade é a coercitividade. Neste tópico se reconhece que todas as instituições exercem influência social e são passíveis de modificações e aprimoramentos (BERGER; BERGER, 1975, p. 196). Ao se ter contato com a história da Igreja e com os processos pelos quais as famílias passaram, não resta dúvidas sobre quantas vezes foi necessário para ambas se reorganizar e se reavaliar para continuar tendo relevância.

A quarta e última peculiaridade é a historicidade. Conforme Peter Berger e Brigitte Berger, uma instituição não se caracteriza apenas por fatos, mas por fatos históricos. Tal relevância ainda é maior quando se sabe que certas instituições existem antes da existência de muitos e vai continuar a existir depois da morte dos mesmos (1975, p. 198). Com relação à Igreja e à família, é indubitável sua presença ao longo da história humana e sua contribuição nos mais diversos setores sociais ao longo dos séculos.

A quinta particularidade, que supõe todas as anteriores, é a autoridade moral. Tal autoridade consiste em evocar legitimidade, isto é, criar um proceder moral que mantenha a instituição relevante e, conseqüentemente, norteie a vida daqueles que estão sob sua tutela (BERGER; BERGER, 1975, p. 196). Por mais que a atual autoridade moral da Igreja e da família pareça ser inferior à de outrora, ambas ainda são vozes ativas e de sabedoria em meio a tantas lógicas que fomentam o individualismo e a cultura do descarte.

Diante desses dados introdutórios, cabe o questionamento: quais são os desafios inerentes às famílias cristãs que a Igreja se vê incentivada a responder? A pesquisadora Célia Regina Rangel Nascimento, em sua Tese de Doutorado intitulada *Masculino e feminino no contexto da família: representações sociais e práticas educativas em famílias de classe popular*, traz algumas ponderações relevantes para se pensar a família e a sexualidade nos dias atuais.

Segundo a autora, os estudos atuais em socialização na família compreendem que não é mais possível caracterizar a família como uma exclusiva unidade nuclear tradicional, já que existem modelos alternativos que também constituem família (NASCIMENTO, 2006, p. 28). A socióloga e filósofa Chiara Saraceno junto a socióloga Manuela Nardini afirmam no livro *sociologia da família* que:

[Há uma] multiplicidade de significados e experiências incluídas naquilo a que chamamos família. [...] As diferentes composições nas relações e no funcionamento das convivências familiares [...] são de tal modo e de tantas que a evidência do estatuto de “família” se revela no mínimo problemática (2003, p. 26).

Em tempos passados, conforme Nascimento, a família era exclusivamente caracterizada pelas funções de reprodução, cuidados, educação e regulamentação da sexualidade. Contudo, essas funções, apesar de familiares ao pensamento Ocidental, não correspondem ao modo de organização de outras culturas e realidades (2006, p. 28).

Para Saraceno e Naldini, é possível mencionar quatro categorias fundamentais de estrutura familiar: os grupos domésticos sem estrutura, que inclui os que vivem sozinhos e as convivências de irmãos ou consanguíneos sem vínculo de geração; os grupos domésticos simples, compostos por pais com filhos, por um único progenitor com os filhos ou por um casal sem filhos; os grupos domésticos extensos, que inclui os grupos domésticos simples e considera parentes ascendentes (como avós), descendentes (como netos) ou colaterais (como um irmão/ã do marido ou da mulher); e os grupos domésticos múltiplos, onde há vários núcleos conjugais (2003, p. 28-29).

Independentemente das categorias de estrutura anteriormente apresentadas e de como ocorre a divisão de trabalho e cuidados do lar, a família é sempre um espaço de relações que supõe afeto, sexualidade e relações de poder. Tudo isso contribui para a formação sócio-histórica do indivíduo e dos papéis que futuramente ele irá assumir. E apesar dessas transformações, os papéis de homem e mulher dentro da família e sua função de estruturação da identidade feminina e masculina dos filhos ainda está presente no cotidiano do lar (SARACENO; NALDINO; 2003, p. 19 e 25).

Também é visível que houve alteração na estrutura hierárquica da família. Atualmente, a autoridade paterna e materna passou a ser mediada por negociações e discussões com os filhos, o que não havia como regra geral nas gerações passadas. De modo igual, os conceitos tradicionais dos papéis de execução de homem e mulher na

família também se modificaram, uma vez que antes o pai era o responsável pelo sustento financeiro da casa e a mãe pelos cuidados do lar e pela educação dos filhos. Com a ascensão da mulher no mercado de trabalho, essa não é mais uma distribuição rígida de funções (NASCIMENTO, 2006, p. 26).

Neste amplo quadro, que envolve as instituições Igreja e família como realidades exteriores, objetivas, coercitivas, históricas e de autoridade moral, convém trazer à tona duas realidades pastorais, dentre tantas outras, que levam inúmeras famílias cristãs à preocupação e, muitas vezes, ao sofrimento, são elas os casais em dita segunda união e a homossexualidade.

Muitas são as pessoas que se afastaram da Igreja pela realidade da segunda união, o que costuma gerar certo sofrimento psico-espiritual tanto aos que se encontram em tal condição como aos familiares e amigos próximos. Oliveira e Fonseca, no livro *Casais em segunda união: uma visão pastoral*, caracterizam tal condição do seguinte modo:

Considera-se um “casal em segunda união” aquele em que ambos os componentes, ou então um deles, receberam o Sacramento do Matrimônio e, depois, passaram por uma separação ou divórcio civil, tendo se unido posteriormente a outra pessoa, adentrando o caminho de uma segunda união estável (2011, p. 23).

Também muitas são as pessoas que estão imersas em algum tipo de sofrimento psico-espiritual envolvendo questões referentes à homossexualidade<sup>5</sup>, seja o indivíduo cristão que se encontra em tal condição ou a família que se depara com tal realidade e muitas vezes não sabe como proceder.

Diante desses sofrimentos, é mister o cultivo de uma teologia e de uma antropologia que responda satisfatoriamente aos indivíduos e às famílias em meio aos seus sofrimentos para com as realidades anteriormente mencionadas. A fim de se aproximar deste fim, a próxima seção se propõe a mostrar como a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* vem dando passos para uma teologia acolhedora e coerente com o Magistério e com a Doutrina da Igreja.

---

<sup>5</sup> Vale ressaltar que apenas em 1990 a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou o termo “homossexualismo” da CID-10. Em outras palavras, até essa data a condição homossexual era entendida pela medicina como doença, o que se caracterizava pelo sufixo “ismo”.

## 2.2 Debates internos à Igreja

Tendo apresentado anteriormente uma visão predominantemente sociológica das famílias e alguns desafios pelos quais as famílias cristãs passam, convém aprofundar a situação em uma perspectiva teológica com base majoritariamente no segundo capítulo da *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia*, intitulado *A realidade e os desafios das famílias*. Será interessante perceber se as reflexões atuais da Igreja sobre família e sexualidade são coerentes com o que é verificado na sociedade ou se a visão da Igreja está aquém da realidade.

O capítulo inicia reconhecendo as mudanças antropológico-culturais pelas quais as famílias têm passado e ressalta o perigo do individualismo que compromete os laços familiares, uma vez que o número de matrimônios diminuiu e aumentou o número de pessoas que vivem sozinhas ou que convivem sem coabitar. Com isso, gradativamente a família se torna para muitos um lugar de passagem, onde se vai quando conveniente. O ideal do matrimônio fica comprometido pela subjetividade, pois, ao mesmo tempo que o indivíduo quer um espaço de estabilidade e exclusividade, também teme se prender em uma relação que não corresponda a seus anseios. (AL, 2016, 32-34).

É fato que, em meio a uma cultura de descarte, há em muitos o medo de se engajar em um compromisso permanente, já que o narcisismo impede o indivíduo de olhar para além de si, de seus desejos e de suas necessidades. Consequentemente, é possível dizer que a cultura atual acaba afastando os jovens de formarem uma família, seja pelas incertezas do futuro, pelas ideologias, pela experiência do fracasso de outros, pelo medo de abraçar demasiada sacralidade, pelo desafio da convivência, pelas idealizações do amor, pelo medo de perder a liberdade e a autonomia, pela afetividade narcisista e instável, pela pornografia, pela comercialização do corpo, pela mentalidade anti-natalista, pelo enfraquecimento da fé e da prática religiosa, dentre outros (AL, 2016, 39-43).

Diante dessa realidade, a Exortação afirma que é preciso que haja uma comunicação eficaz para fomentar nos jovens um compromisso de amor e de heroísmo para viver o Matrimônio:

Precisamos de encontrar as palavras, as motivações e os testemunhos que nos ajudem a tocar as cordas mais íntimas dos jovens, onde são mais capazes de generosidade, de compromisso, de amor e até mesmo de heroísmo, para convidá-los a aceitar, com entusiasmo e coragem, o desafio de matrimônio (AL, 2016, 40).

Além disso, a *Amoris Laetitia* também toca em questões como: falta de habitação adequada; filhos nascidos fora do matrimônio; exploração sexual infantil; migrantes; pessoas com deficiência; idosos; situações de miséria; educação dos filhos; ansiedade; toxicodependência; violência doméstica; uniões entre pessoas do mesmo sexo; poligamia; matrimônios combinados; uniões fora do vínculo institucional; ausência paterna; e ideologia de gênero (AL, 2016, 44-56). Dentre tantas realidades, se pretende, na sequência, dar maior ênfase aos casais em dita segunda união e às pessoas homossexuais.

A *Amoris Laetitia* dedica o número 298 aos divorciados que vivem uma nova união. Ela admite que são casos complexos que não devem ser generalizados e estereotipados de forma rígida:

Os divorciados que vivem numa nova união, por exemplo, podem encontrar-se em situações muito diferentes, que não devem ser catalogadas ou encerradas em afirmações demasiadas rígidas, sem deixar espaço para um adequado discernimento pessoal e pastoral (AL, 2016, 298).

De fato, é possível verificar diferentes situações nas famílias: uma união já consolidada com o tempo; a não separação por causa da educação dos filhos; os que se esforçaram grandemente para salvar o primeiro matrimônio; os que foram abandonados injustamente; os que passaram por agressões dos pais diversos tipos; os que adquiriram uma segunda união para garantir a educação dos filhos e a sobrevivência, dentre outras. Tudo isso exige dos pastores um discernimento sobre cada situação (AL, 2016, 298), pois nestes quadros complexos, como afirma Bento XVI em seu *Discurso no VII Encontro Mundial das Famílias*, “não existem receitas simples” (2012, 11).

Dois parágrafos são dedicados à questão da homossexualidade. Eles estão situados no capítulo VI, intitulado *Algumas perspectivas pastorais*, mais precisamente no tópico referente à *Iluminar crises, angústias e dificuldades*, na subdivisão que menciona *algumas situações complexas*.

O parágrafo 250 reafirma que Jesus se entregou por todos, sem exceção, e admite a complexidade de uma família ter em seu seio pessoas com tendência homossexual, tanto aos pais como para o indivíduo. O Papa afirma:

Por isso desejo, antes de mais nada, reafirmar que cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, procurando evitar qualquer sinal de discriminação injusta e particularmente toda a forma de agressão e violência (AL, 2016, 250).

No parágrafo 251 da *Amoris Laetitia* é salientada a não equiparação da união entre pessoas do mesmo sexo com o desígnio de Deus sobre o matrimônio e a família, opinião que há muito já era sustentado pela Igreja, como no número 4 das *Considerações sobre os projectos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais* (2003), e no número 76 da XIV Assembleia Geral Ordinária, que tratou de *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo* (2014).

Em toda essa complexidade é inquestionável que a visão da Igreja sobre a instituição família na *Amoris Laetitia* é muito coerente com o que os estudos sociológicos revelam sobre a família e a sexualidade. A Exortação contempla e comenta várias situações sobre o cenário mundial da família. Contudo, existem diferentes linhas de interpretação e, conseqüentemente, diferentes perspectivas teológicas que podem ser elencadas para tratar de família, segunda união e homossexualidade, como será demonstrado na sequência.

### **2.3**

#### **Diferentes linhas de pensamento para lidar com os desafios**

Como constatado, não é pouca a complexidade que diz respeito aos casamentos, à educação dos filhos, aos casais divorciados, aos casais de segunda união e aos casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Tudo isso é sentido e percebido pelo Papa Francisco em *Amoris Laetitia*.

Os temas que são apresentados pelo Papa na *Amoris Laetitia*, principalmente com relação às questões que este estudo contempla, não têm uma visão unilateral dentro da Igreja. Existem tendências de interpretação que tendem a um certo “conservadorismo” e tendências que se inclinam a um “progressismo”. Essas ênfases

interpretativas, que tendem a se autoavaliar como verdadeiras, fazem parte do processo no qual as diversidades convergem à unidade.

Disto decorre que o lado “conservador” tende a se ver como detentor das convicções e dos valores morais e éticos pregados pela Igreja, adquirindo uma postura de defesa frente ao que consideram contextualizações equivocadas da Bíblia. Em contrapartida, o lado “progressista” se percebe como atualizador da Palavra, da Tradição e do Magistério, adquirindo uma postura de conciliação da revelação com as novas realidades que se apresentam à Igreja.

Os pesquisadores Brenda Carranza, Renan William dos Santos e Luiz Jácomo, trazem no artigo *Dimensões religiosas da radicalização política no Brasil contemporâneo*, uma contribuição à nível sócio-religioso que dialoga com a proposta a qual este tópico almeja. Por mais que os dados tratados por eles se limitem à realidade político-religiosa do Brasil, os fenômenos por eles apontados são passíveis de atribuição a outras culturas e povos.

Os pesquisadores realçam que, tanto na política como na religião, é crescente e recorrente a presença de posturas de radicalização e de polarização, de modo que cada vez parece mais difícil haver um diálogo sadio e construtivo entre partes que assumem pressupostos diferentes. Antes de tudo, os pesquisadores afirmam que assumir um posicionamento denominado “progressista” ou “conservador” traduz uma categoria relacional que varia conforme o tempo e geralmente dizem respeito a disputas no campo religioso ou em um contexto social mais amplo (CARRANZA; SANTOS; JÁCOMO, 2021, p. 5 e 8).

Neste quadro, é notável que a maioria das pessoas assumem tais posturas sem ter consciência do que elas de fato representam. Por exemplo: não são poucos os católicos que creem que é um autêntico ato de profetismo se unir à luta contra pessoas da comunidade LGBTQI+ e contra projetos que os incluam na sociedade e na Igreja (CARRANZA; SANTOS; JÁCOMO, 2021, p. 9).

A pesquisa de Brenda Carranza, Renan William dos Santos e Luiz Jácomo evidencia que as divergências dentro do catolicismo no Brasil são crescentes:

A Igreja Católica no Brasil vem enfrentando agudos embates internos entre setores reacionários e progressistas, conflitos esses evidenciados em eventos como a Campanha da Fraternidade de 2021 (CF-2021) e o Sínodo da Amazônia. Atingida em cheio pelo clima de radicalização, a instituição

católica viu-se acusada por setores conservadores de fomentar, através da CF-2021, “uma infiltração da ‘extrema esquerda revolucionária’ [...] com o objetivo de defender a ideologia de gênero, as minorias, denunciar o feminicídio e o racismo”. Isso tudo simplesmente porque o manual da campanha atentava para as diferentes violências que se manifestaram de modo na sociedade brasileira, em especial àquelas vivenciadas pelas mulheres, negras e indígenas, e pela população LGBTQI+ (2021, p. 11).

Em 2020 o Sínodo da Amazônia também não ficou isento de opiniões diversas. Foram mobilizados sacerdotes, influencers digitais e grupos religiosos a se posicionarem com relação ao que foi considerado por alguns grupos uma deturpação da fé católica, onde a pauta ecológica tratada no Sínodo da Amazônia chegou a ser caracterizada por alguns como uma “psicose ambientalista” (CARRANZA; SANTOS; JÁCOMO, 2021, p. 10).

Deste modo se constata, novamente, como na Igreja há diferentes linhas de pensamento e diversos grupos religiosos cujos pensamentos nem sempre convergem. Muitos desses grupos assumem um espectro político e uma postura de resistência a mudanças, de modo que o discurso religioso se mistura ao político e vice-versa (CARRANZA; SANTOS; JÁCOMO, 2021, p. 10).

Em toda essa polarização político-religiosa, muitas famílias se preocupam com a educação dos filhos na fé e muitas vezes desconhecem a opinião da Igreja sobre certos assuntos. Além disso, muitas são as preocupações dos pais que buscam educar seus filhos para serem cidadãos de bem. Contudo, o Papa alerta para o compartilhamento do presente:

As famílias habitualmente padecem de uma enorme ansiedade. Parece haver mais preocupação em prevenir problemas futuros do que compartilhar o presente. Isto, que é uma questão cultural, vê-se agravado por um futuro profissional incerto, pela insegurança económica ou pelo medo em relação ao futuro dos filhos (AL, 2016. p 46).

O bispo de Canarias, Dom José Mazuelos Pérez, no artigo *Amoris Laetitia: una nueva mirada sobre la familia*, diz os seguinte sobre o quadro atual em que a cultura se encontra:

Estamos na cultura do individualismo exasperado, caracterizado pela supervalorização do hedonismo e do narcisismo. Esse individualismo influencia fortemente as pessoas, batizadas e não batizadas, e se traduz na criação de um sujeito que se constrói de acordo com seus próprios desejos, o que acarreta uma mudança nas relações afetivas, gerando uma afetividade narcisista, instável e mutável, o que não ajuda à maturidade, a tal ponto que os jovens veem a família como uma privação de oportunidades para o futuro (2023, p. 16).

Outro aspecto digno de atenção em meio à polarização é que os vínculos conjugais e familiares acabam sendo postos à prova não só pelo individualismo narcisista, mas também por uma concepção de liberdade separada da responsabilidade pelo outro, o que leva a um aumento da indiferença pelo bem comum e à imposição de ideologias que atacam diretamente o projeto familiar. É também uma cultura na qual a ditadura do relativismo governa. Uma sociedade plural habitada por múltiplas ideologias e tendências de vida, que sustenta que não há verdade e que a reivindicação da verdade leva ao totalitarismo e à barbárie; que no máximo existem verdades, mas todas elas carecem de caráter absoluto. A verdade foi envolvida pelo positivismo e pelo subjetivismo (PEREZ, 2023, p. 17).

Outro elemento é a cultura do provisório. Como por osmose, difunde-se a ideia de que a realidade do amor nada tem a ver com a verdade, difundindo a concepção de que o amor é uma experiência que pertence ao mundo dos sentimentos inconstantes e não à verdade, que é apenas uma emoção afetiva que aparece e desaparece espontaneamente. Outra característica que banha a cultura de hoje é o materialismo, que a transforma em consumo e em mercado, vendo as pessoas como produtos ou consumidores. Cada dia é mais difícil experimentar a gratuidade tão necessária para o amor e a família (PEREZ, 2023, p. 18).

Como apresentado, fica visível as profundas consequências que uma cultura polarizada causa na política, na religião, na família, na educação dos filhos, na proposta de valores atemporais, no olhar caridoso ao outro, no respeito, na tolerância pela opinião alheia, etc. Diante de tudo isso, quais os caminhos pastorais que a Igreja aponta? A fim de se aproximar de uma resposta para essa questão tão complexa, segue o terceiro e último capítulo.

### 3 Perspectivas e desafios pastorais

#### 3.1 Caminhos pastorais que fundamentam às iniciativas

Antes de tratar especificamente das perspectivas pastorais relacionadas aos desafios das famílias, convém dar atenção à voz do Papa com relação à atividade pastoral na Igreja:

Durante muito tempo, pensamos que, com a simples insistência em questões doutrinárias, bioéticas e morais, sem motivar a abertura à graça, já apoiávamos suficientemente as famílias, consolidávamos o vínculo dos esposos e enchíamos de sentido as suas vidas compartilhadas. (AL, 2016, 37).

Em outras palavras, é preciso passar da teoria à realidade, de modo que a doutrina adquira sentido na vida prática com base no amor vivo e vivificante. É importante valorizar uma pastoral positiva e acolhedora que implique o aprofundamento do Evangelho. O ponto de partida é a convicção de que Jesus soube unir o ideal à realidade.

A grande maioria do Povo de Deus recebeu com encanto a *Amoris Laetitia* devido a sua beleza, sua perspectiva pastoral e o seu realismo, especialmente nos modos de acompanhar situações complexas e de discernir situações ditas irregulares ou imperfeitas. No entanto, é sabido que os escritos papais suscitaram debates por parte de diferentes setores na Igreja e entre os fiéis. Quanto a isso o Papa alerta:

Devido a riqueza que os dois anos de reflexão do caminho sinodal ofereceram, esta Exortação aborda, com diferentes estilos, muitos e variados temas. Isto explica a sua inevitável extensão. Por isso, não recomendo uma leitura geral apressada. Poderá ser mais proveitoso, tanto para as famílias como para os agentes de pastoral familiar, aprofundar pacientemente uma parte de cada vez ou procurar nela o que precisam em cada circunstância concreta. (AL, 2016. 7).

Isto posto, em meio a tantas e rápidas mudanças, é comum que o católico se pergunte: qual o caminho pastoral mais adequado a ser tomado diante do novo que se apresenta à Igreja? Essa não é uma pergunta simples de responder, já que, como demonstrado, existem diferentes modos de se posicionar diante de um mesmo tema.

Além disso, o modo como a informação é assimilada pelos fiéis também diverge muito: há aqueles que seguem fielmente um líder religioso, seja midiático ou não, e tomam as suas premissas como a verdade unilateral da Igreja; há os que são indiferentes

à opinião da Igreja frente ao novo que se apresenta; há ainda os que não encontram na Igreja uma referência de teologia saudável e comprometida com a realidade vigente; dentre outros. Independentemente da abordagem teológica, é importante ter ciência de que, por trás dela, há uma antropologia, uma hermenêutica da Palavra e uma moral.

Com relação à pastoral e, mais especificamente, à realidade das famílias, o Papa Francisco na *Amoris Laetitia* apresenta um caminho que para muitos é inédito e até mesmo chega a causar estranheza. Para compreender a família, o matrimônio e a sexualidade, é necessário discernir as condições subjetivas, as circunstâncias pessoais e as situações complexas em que as pessoas se encontram.

O Papa convida e interpela os fiéis a olhar para as novidades socioculturais e, conseqüentemente, a não ignorá-las, pois existem. A *Amoris Laetitia*, reconhece que a mudança antropológico-cultural de hoje influencia todos os aspectos da vida e exige uma abordagem analítica e diversificada. Na Exortação, muitos são os núcleos temáticos dignos de uma reflexão pormenorizada, mas o recorte epistemológico deste estudo continuará sendo sobre três principais pontos: o acompanhamento pastoral das famílias; a integração dos casos irregulares; e, sobretudo, o anúncio do Evangelho às famílias na atualidade.

Um caminho pastoral que destaca a *Amoris Laetitia* é o acompanhamento das famílias, e esse caminho deve ser percorrido e permeado pela pedagogia do amor. Afinal, a Igreja precisa propiciar aos casais o crescimento no amor. Nas palavras do Papa:

O amor matrimonial não se estimula falando, antes de tudo, da indissolubilidade como uma obrigação, nem repetindo uma doutrina, mas rebustecendo-o por meio de um crescimento constante sob o impulso da graça. O amor que não cresce, começa a correr perigo, e só podemos crescer correspondendo a graça divina com mais atos de amor, com atos de carinho mais frequentes, mais intensos, mais generosos, mais ternos, mais alegres. (AL, 2016, 134).

Nesta citação se percebe novamente o incentivo do Papa a uma abordagem do matrimônio que tenha por fundamento um discurso positivo em detrimento do negativo. Em outras palavras, é mais cativante falar da beleza e profundidade do matrimônio cristão do que se ater a um discurso de ódio aos “valores do mundo”.

Isto posto, o caminho essencial que fundamenta uma pastoral sadia às famílias e às suas realidades é, nas palavras do Santo Padre, “uma pastoral do vínculo, na qual se

ofereçam elementos que ajudem quer a amadurecer o amor, quer a superar os momentos duros” (AL, 2016, 211). Assim, partindo do fato de que a família deve ser construída diariamente, a exortação propõe a necessidade de estimular o crescimento do amor dos esposos. Francisco insiste que tudo isso seja feito em um caminho de crescimento permanente. Esta forma muito particular de amor, que é o matrimônio, é chamada a um amadurecimento constante.

A sexualidade e o erotismo não estão excluídos deste caminho do amor, porque "o próprio Deus criou a sexualidade, que é um presente maravilhoso para as suas criaturas" (AL, 2016, 150) e a dimensão erótica do amor é "um dom de Deus que embeleza o encontro dos esposos" (AL, 2016, 152). O Santo Padre surpreende a muitos quando diz que a união sexual é "um caminho de crescimento na vida da graça para os esposos" (AL, 2016, 74). Portanto, a educação e o amadurecimento da sexualidade conjugal "não é a negação ou a destruição do desejo, mas a sua dilatação e aperfeiçoamento" (AL, 2016, 149).

Uma das grandes novidades da *Amoris Laetitia* é o seu capítulo VIII, onde se aborda o tema do discernimento das situações chamadas “irregulares”. o Papa Francisco nos apresenta um requisito fundamental para enfrentar pastoralmente os casos irregulares: colocar-se sempre no contexto da misericórdia; esse é o critério dos verdadeiros filhos de Deus e a pedra fundamental que sustenta a vida da Igreja que, por sua vez, não é uma alfândega, mas uma casa paterna onde há espaço para cada um (AL, 2016, 310).

É muito bonita a imagem que o Santo Padre apresenta da Igreja. Para realizar a pastoral, é necessário ter uma visão da Igreja como um hospital de campanha, que deve estar pronto para acolher a todos os fiéis a fim de curá-los das suas feridas e integrá-los de novo na casa do Pai. A pastoral consiste, portanto, entre outras coisas, em fazer com que aqueles que estão feridos, cansados ou frustrados nas suas relações humanas e afetivas possam sentir de novo a beleza do matrimônio e experimentar a alegria do amor que dá vida e se vive na família.

Outro aspecto é o anúncio do Evangelho por parte da família de hoje. A exortação deixa claro que a riqueza do matrimônio e da família cristã continuam sendo uma proposta para todos. Portanto, é necessário proclamar o Evangelho do matrimônio e da família com novo impulso, com audácia e com uma linguagem renovada, levando

em consideração as diversas situações. Há que se superar uma visão absolutamente normativa do sacramento do matrimônio, a fim de aprofundá-lo no caminho da graça.

A palavra chave para uma atuação pastoral fecunda é o amor. O Papa Francisco acredita no amor e em seu poder atrativo, e é por isso que ele é bastante crítico às atitudes que tentam regular tudo com normas e com o seguimento cego de cláusulas. No magistério do Papa Francisco fica claro que não! Isso não atrai, o que atrai é o amor. E é este o ideal que deve visar a família cristã. Não é um ideal abstrato, é o anseio profundo do homem. Mas esse objetivo, esse propósito, é alcançado passo a passo, pouco a pouco. Por isso o Papa insiste numa Igreja acolhedora e em uma educação humanizadora, que não se feche em si mesma e crie uma cultura de acolhimento.

Partindo desse pressuposto pastoral, frequentemente exortado e incentivado pelo Papa Francisco em sua contribuição magisterial, se pretende apresentar, na sequência, algumas iniciativas pastorais no contexto familiar com pessoas que tendem a se sentir excluídas da comunhão com a Igreja.

### 3.2

#### **Iniciativas pastorais adotadas em diferentes contextos**

Como já apresentado, muitos são os contextos familiares que necessitam de uma atuação pastoral empática e eficaz por parte da Igreja. Na sequência seguem algumas ponderações pastorais com relação aos casais em dita segunda união e às pessoas homossexuais.

As iniciativas de trabalho pastoral com casais de segunda união e pessoas homoafetivas ainda são tímidas e discretas. Por mais que elas existam e em alguns países já tenham dado passos concretos, parece ainda haver por parte de muitos líderes religiosos um certo constrangimento e falta de uma metodologia adequada para lidar com tais públicos.

Para o Papa Francisco, como visto, há apenas dois caminhos para uma pastoral que responda às reais necessidades evangélicas atuais: o da misericórdia e o da integração (AL, 2016, 296). É com esse fundamento que se deve olhar para as novas realidades que se apresentam à Igreja. No livro *Discernimento moral e benignidade pastoral*, organizado pelos doutores em Teologia Moral Ronaldo Zacharias e Maria Inês

de Castro Millen, é afirmado que o Papa não considera esses casos “irregulares”<sup>6</sup>, mas entende que, por muito tempo, a dinâmica eclesial assim os tratou. Nas palavras dos organizadores:

Esse modo de tratar essas situações, ditas “irregulares”, gera inquietação em parte da estrutura eclesial, acostumada a outra forma de abordar tais realidades. A resistência de alguns deve-se ao fato de que pode se dar a impressão de que agora tudo pode e tudo é permitido, e que a *Amoris Laetitia* não leva em consideração aspectos fundamentais da Tradição (2021, p. 205-206).

Sobre os casais em dita segunda união, Zacharias e Millen pretendem ressaltar que a intenção da *Amoris Laetitia* não é impor um modelo ideal de família, mas um ideal a ser alcançado, isto é, um caminho de realização e santidade que é possível para muitas famílias que desejam crescer na fé e se realizar no amor. Para isso se deve partir da confiança na graça e na profundidade da riqueza do amor, em detrimento da “excessiva idealização” (2021, p. 198), pois, conforme o Papa Francisco, a força da família “reside essencialmente na sua capacidade de amar e de ensinar a amar” (*AL*, 2016, 53)

Ainda nas palavras do Papa Francisco sobre o matrimônio:

“Dou graças a Deus porque muitas famílias, que estão longe de se considerarem perfeitas, vivem no amor, realizam a sua vocação e continuam para diante embora caíam muitas vezes ao longo do caminho [...]. Partindo das reflexões sinodais, não se chega a um estereótipo da família ideal, mas um interpelante mosaico formado por muitas realidades diferentes, cheias de alegrias, dramas e sonhos” (*AL*, 2016, 57).

Há quem critique essa caracterização de família-casamento-matrimônio do Papa Francisco, como se fosse um modo de recusar um modelo de família cristã e relativizar o sacramento do matrimônio. Contudo, essa crítica não leva em consideração que a compreensão do matrimônio como sacramento passa por um desenvolvimento histórico e por um amadurecimento da comunidade de fé ao longo dos séculos (ZACHARIAS; MILLEN, 2021, p. 199).

Quando se trata especificamente dos casais da dita segunda união, muitos são os que afirmam unilateralmente que o acesso, por exemplo, à Eucaristia, não é uma possibilidade. Francisco compreende, segundo Zacharias e Millen, que existe uma situação objetiva de pecado, mas que tais pessoas “podem não estar em uma situação

---

<sup>6</sup> Vale ressaltar que em todas as vezes que a *Amoris Laetitia* faz referências às “situações irregulares”, a palavra “irregular” ou “irregulares” se encontra entre aspas, como nos números 297, 301 e 302.

subjetiva de pecado ou que não sejam culpáveis ou culpáveis plenamente pela condição em que se encontram” (2021, p. 206).

Luís Corrêa Lima, professor e pesquisador nas áreas de história da Igreja, Modernidade, e diversidade sexual e de gênero, corrobora com tal perspectiva ao sublinhar que existem situações em que casais de segunda união são admitidos à comunhão sacramental sem a anulação da união precedente, logicamente devido a um acompanhamento e em circunstâncias específicas (2021, p. 148).

Conseqüentemente, as pessoas em união dita irregular são chamadas a viver na graça com Deus e podem crescer na vida da graça e na santidade. Para que isso ocorra, conforme Zacharias e Millen, elas podem receber o auxílio da Igreja inclusive pela Eucaristia, partindo do pressuposto da hermenêutica eucarística a partir da *Evangelii Gaudium* número 47: “[A Eucaristia] não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos” (ZACHARIAS; MILLEN, 2021, p. 206). Nas palavras do Papa:

Por isso, um pastor não pode sentir-se satisfeito apenas aplicando leis morais àqueles que vivem em situações «irregulares», como se fossem pedras que se atiram contra a vida das pessoas. É o caso dos corações fechados, que muitas vezes se escondem até por detrás dos ensinamentos da Igreja «para se sentar na cátedra de Moisés e julgar, às vezes com superioridade e superficialidade, os casos difíceis e as famílias feridas». [...] É possível que uma pessoa, no meio duma situação objectiva de pecado – mas subjectivamente não seja culpável ou não o seja plenamente –, possa viver em graça de Deus, possa amar e possa também crescer na vida de graça e de caridade, recebendo para isso a ajuda da Igreja (AL, 2016, 305).

Com base nas pesquisas de Zacharias e Millen, existem resistências a esse proceder pastoral, como a postura dos cardeais Raymond Burke, Gerhard Müller e Robert Sarah, que veem em tal inclusão um escândalo. Contudo, a lógica da *Amoris Laetitia* é a de integrar no amor-misericórdia aquilo que era ou ainda é dito como “irregular” (2016, p. 206-207).

Sobre as perspectivas pastorais com relação às pessoas homossexuais, por muitos anos vigorou unilateralmente (e para muitos ainda vigora) as ideias expostas no Catecismo da Igreja Católica, que datam de 1992<sup>7</sup> e tratam a homossexualidade como uma depravação grave, intrinsecamente desordenada e contrária à lei natural (Cat, 1992, 2357). Conseqüentemente, as pessoas homossexuais eram instruídas exclusivamente à castidade. Nas palavras do Catecismo:

<sup>7</sup> Isto é, apenas 2 anos após a homossexualidade deixar de ser considerada uma doença, como mencionado na nota de rodapé número 5.

As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes do autodomínio, educadoras da liberdade interior, às vezes pelo apoio de uma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem se aproximar, gradual e resolutamente, da perfeição cristã (Cat, 1992, 2359).

Passados alguns anos desde que foi escrito, a reflexão teológica atual traz algumas ponderações quanto a tais instruções. O aconselhamento ou mesmo a exigência para que as pessoas homossexuais vivam a abstinência sexual é vista por muitos como injusta e desumana, assim como o olhar sobre elas como pessoas doentes ou que precisam de ajuda. O respeito a elas supõe a participação na vida da Igreja (LIMA, 2021, p. 146).

Quanto às uniões entre pessoas do mesmo sexo, Existem práticas pastorais diversas ao longo do mundo. A Universidade de Utrech, segundo Corrêa Lima, constata que na Holanda “oitenta por cento do clero católico celebra uniões entre pessoas do mesmo sexo, mesmo sem aprovação eclesiástica formal. E metade do clero celebra estas uniões dentro de templos católicos” (2021, p. 149). Um dos fatores determinantes para isso acontecer é o fato da homossexualidade ser amplamente aceita na Holanda, o que faz com que tal prática seja uma espécie de consequência.

Na Alemanha este assunto é pauta de discussão, de modo que o Cardeal Reinhard Marx, presidente da Conferência Episcopal Alemã, sustenta que parceiros homossexuais podem receber a benção na Igreja Católica como forma de acompanhamento pastoral (LIMA, 2021, p. 149).

O teólogo espanhol e professor Juan Masiá, conforme Lima, sustenta que Roma poderia aprovar uma cerimônia religiosa sem validade canônica para católicos recasados e casais não heterossexuais, assim como há décadas foi aprovado no Japão para unir pessoas não batizadas e não crentes. Deste modo se preservaria a instituição matrimonial e se formalizaria religiosamente uma união já regularizada socialmente (2021, p. 149-150).

Nesta perspectiva se evidencia que não há concorrência entre a união homossexual e o matrimônio heterossexual, até porque se em uma união heterossexual um dos cônjugês é homossexual o sacramento é inválido, o que infelizmente ocorreu diversas vezes ao longo dos séculos como meio de evitar o preconceito e as punições sociais (LIMA, 2021, p. 150). De fato, o celibato coagido ou o matrimônio forçado para a pessoa homosexual não são soluções.

Tendo apresentado algumas notas pastorais aos casais em união dita irregular e às pessoas homossexuais, convém ensaiar alguns desafios futuros e os modos como a Igreja tende a tratá-los. A base para isso será o que vem sendo desenvolvido mais recentemente na Igreja a nível magisterial.

### 3.3

#### **Futuros desafios e possíveis caminhos ao diálogo e à reconciliação**

Um profundo olhar à realidade presente é um dos modos pelos quais é possível inferir o que a Igreja entende como futuros desafios e como se prepara para dialogar com eles. Sem sombra de dúvidas que a pesquisa até aqui trouxe inúmeras questões que urgem no presente e continuarão sendo tratadas no decorrer dos tempos. Contudo, a fim de captar o olhar mais atual de como a Igreja desenvolve a sua teologia e se prepara para os desafios futuros, será apresentado alguns apontamentos sobre o Documento final da *XVI Assemblea generale ordinaria del sinodo dei vescovi*, intitulado *Per una Chiesa sinodale: comunione, partecipazione, missione* (PCS), que data de 26 de outubro de 2024 e ainda não está em sua versão definitiva. A ênfase será dada à realidade familiar, dentro da proposta de sinodalidade.

Já na introdução o documento final deixa claro que cada passo que a Igreja dá traduz uma nova experiência com o Ressuscitado, que conduz à unidade e à harmonia nas diferenças, e suscita um olhar ao próximo que sofre. Em meio a tantas guerras, a Igreja precisa não apenas condenar a violência, o ódio e a vingança, mas também promover o diálogo, a fraternidade e a reconciliação. A incessante busca de encontrar caminhos para ser fiel ao ressuscitado é o que fundamenta a identidade batismal e o convite à santidade feito a todos (PCS, 2024, 1-4). Esse não é um processo fácil, como é admitido:

Não escondemos o fato de termos experimentado cansaço, resistência à mudança e a tentação de deixar que as nossas ideias prevaleçam sobre a escuta da Palavra de Deus e a sua prática de discernimento. [...] Reconhecemos isso iniciando a Segunda Sessão com uma Vigília Penitencial [...]. Por isso queremos ser uma Igreja misericordiosa, capaz de partilhar com todos o perdão e a reconciliação que vêm de Deus: pura graça da qual não somos mestres, mas apenas testemunhas. (PCS, 2024, 6 - Tradução livre<sup>8</sup>).

---

<sup>8</sup> Non ci nascondiamo di aver sperimentato in noi fatiche, resistenze al cambiamento e la tentazione di far prevalere le nostre idee sull'ascolto della Parola di Dio e sulla pratica del discernimento. [...] Lo abbiamo riconosciuto iniziando la Seconda Sessione con una Veglia penitenziale [...]. Per questo

A parte I do documento final, intitulada *O coração da sinodalidade (Il cuore della sinodalità)*, traz uma reflexão muito pertinente a tudo que este estudo apresenta, a saber: “Na manhã de Páscoa encontramos três discípulos: Maria Madalena, Simão Pedro, o Discípulo que Jesus amava. Cada um deles busca o Senhor à sua maneira; cada um tem o seu próprio papel no alvorecer da esperança” (PCS, 2024, 13). Logo, a Igreja é chamada a testemunhar a ressurreição de Jesus como fonte de liberdade e fundamento da esperança.

No tópico *A unidade como harmonia (L'unità come armonia)* o documento final acentua que o ser humano se realiza nas relações interpessoais e nelas amadurece a sua identidade pessoal, em detrimento do isolamento. Uma Igreja sinodal se caracteriza por um espaço de florescimento das relações em meio ao individualismo das culturas (PCS, 2024, 34).

Sobre a família é salientado que ela é um lugar privilegiado para se aprender e vivenciar uma Igreja sinodal na prática, já que nela se vive a riqueza das relações entre pessoas diferentes:

Apesar das fraturas e do sofrimento que as famílias vivenciam, elas continuam sendo lugares onde aprendemos a trocar o dom do amor, da confiança, do perdão, da reconciliação e da compreensão. É na família que aprendemos que temos a mesma dignidade, que fomos criados para a reciprocidade, que precisamos de ser ouvidos e que somos capazes de ouvir, de discernir e decidir juntos, de aceitar e exercer uma autoridade animada pela caridade, de ser corresponsável e de prestar contas de nossas ações (PCS, 2024, 35 - Tradução livre<sup>9</sup>).

Logo, o processo sinodal constata que há uma grande variedade de carismas e ministérios em meio ao Povo de Deus. Consequentemente, é preciso expandir a participação e a corresponsabilidade de todos os batizados, uma vez que a Igreja sempre foi uma pluralidade de povos, línguas, ritos, heranças teológicas e espirituais, carismas e ministérios. A unidade é garantida pelo Cristo, a pedra angular (PCS, 2024, 36-38).

---

vogliamo essere una Chiesa misericordiosa, capace di condividere con tutti il perdono e la riconciliazione che vengono da Dio: pura grazia di cui non siamo padroni, ma solo testimoni.

<sup>9</sup> Nonostante le fratture e le sofferenze che le famiglie sperimentano, restano luoghi in cui si apprende a scambiarsi il dono dell'amore, della fiducia, del perdono, della riconciliazione e della comprensione. È in famiglia che impariamo che abbiamo la stessa dignità, che siamo creati per la reciprocità, che abbiamo bisogno di essere ascoltati e che siamo capaci di ascoltare, di discernere e decidere insieme, di accettare ed esercitare un'autorità animata dalla carità, di essere corresponsabili e di rendere conto delle nostre azioni.

Isso exige dos fiéis a gradativa consciência de que é preciso dialogar com as diversidades religiosas, culturais, etárias, sexuais e ideológicas dentro da Igreja, a fim de que cada um assuma a parcialidade a qual pertence e se abra ao acolhimento de outras perspectivas, uma vez que cada ser humano tem uma contribuição única e indispensável. Logo, a Igreja Sinodal é como uma orquestra, onde, por um lado, a variedade dos instrumentos é necessária para que haja beleza e harmonia na música, e, por outro, cada contribuição individual mantém suas características próprias. Assim ocorre a harmonia que o Espírito realiza na Igreja (PCS, 2024, 41-42).

A parte II do documento final, intitulada *No barco, juntos (Sulla barca, insieme)*, traz profundas reflexões sobre a diversidade na Igreja, e a inclusão de pessoas e de grupos que muitas vezes não se sentem parte da Igreja. No tópico *Novos relacionamentos (Relazioni nuove)* é comentado que muitos grupos chamados ao diálogo se sentiram surpresos e alegres pelo convite:

Muitos manifestaram a sua surpresa por terem sido convidados e a sua alegria por poderem fazer ouvir a sua voz na comunidade; também não faltaram aqueles que partilharam o sofrimento de se sentirem excluídos ou julgados também pela sua situação conjugal, identidade e sexualidade. O desejo de relações mais autênticas e significativas não exprime apenas a aspiração de pertencer a um grupo coeso, mas corresponde a uma profunda consciência de fé [...]. Para ser uma Igreja sinodal, é necessária uma verdadeira conversão relacional (PCS, 2024, 50 - Tradução livre<sup>10</sup>).

Para uma autêntica conversão relacional é necessário olhar para os Evangelhos e perceber como Jesus não despedia ninguém sem parar, escutar e entrar em diálogo, fosse ele homem, mulher, judeu, pagão, doutor da Lei, publicano, justo, pecador, mendigo, cego, leproso ou doente (PCS, 2024, 52).

Para isso, como diz a parte III intitulada *Lançar a rede (Gettate la rete)*, mais especificamente no tópico *O discernimento eclesial para a missão (Il discernimento ecclesiale per la missione)*, é preciso haver uma prática espiritual vivida na fé, o que requer liberdade interior, humildade, oração, confiança, abertura ao novo e abandono à vontade de Deus, em detrimento de uma técnica organizativa e de afirmações pessoais ou de grupos. Só assim será possível viver comunitariamente a comunhão, a missão e a participação, onde todos são escutados e acolhidos (PCS, 2024, 82).

---

<sup>10</sup> Molti hanno espresso la sorpresa di essere interpellati e la gioia di poter far sentire la loro voce nella comunità; non è mancato anche chi ha condiviso la sofferenza di sentirsi escluso o giudicato anche a causa della propria situazione matrimoniale, identità e sessualità. Il desiderio di relazioni più autentiche e significative non esprime soltanto l'aspirazione di appartenere a un gruppo coeso, ma corrisponde a una profonda consapevolezza di fede [...]. Per essere una Chiesa sinodale è dunque necessaria una vera conversione relazionale.

## 4 Conclusão

Dispostos estes três capítulos, se chega à conclusão deste trabalho monográfico. Ao observar os pontos tratados neste estudo, se chega à conclusão de que a Exortação *Amoris Laetitia* oferece esperança em abundância. Não há uma lista de regras ou condenações, senão um chamado à aceitação, ao acolhimento, ao acompanhamento, à participação e à integração. É importante destacar o que o Papa Francisco diz no parágrafo 296:

Duas lógicas percorrem toda a história da Igreja: marginalizar e reintegrar. (...) O caminho da Igreja, desde o Concílio de Jerusalém em diante, é sempre o de Jesus: o caminho da misericórdia e da integração. (...) O caminho da Igreja é o de não condenar eternamente ninguém; derramar a misericórdia de Deus sobre todas as pessoas que a pedem com coração sincero (...). Porque a caridade verdadeira é sempre imerecida, incondicional e gratuita. Por isso, temos de evitar juízos que não tenham em conta a complexidade das diversas situações e é necessário estar atentos ao modo em que as pessoas vivem e sofrem por causa da sua condição. (AL, 2016, 296).

A partir disso é possível vislumbrar oportunidades de reconstruir, a partir do perdão e da reconciliação, as próprias feridas e a dos outros, em um exercício de perdão a si mesmo e aos demais, mesmo diante dos sentimentos de injustiça e abandono. Este é um princípio teleológico de vida, onde o olhar fixo ao fim último da vida convida a retornar a compreender que todos são peregrinos que percorrem a sua própria história em conversão em busca da santidade, de modo imperfeito.

Através da *Amoris Laetitia*, a Igreja se mostra novamente como um movimento vivo na história, onde observa a realidade e a assume como parte de sua ação e missão. No caso em específico deste estudo, ela reflete sobre a situação atual da família e dá origem ao envolvimento de todos na sua reconstrução positiva.

A *Amoris Laetitia* dá um giro no modo de tornar a Igreja presente no mundo de hoje, ela apela corretamente ao amor em vez do terror e da marginalização dos casos especiais ou, como é citado no documento, dos casos irregulares. Nesse sentido, existe uma ótima abordagem para a presença viva e histórica de Jesus de Nazaré, que não é diferente do Ressuscitado. E é a partir da experiência e do encontro com o Ressuscitado que o Papa propõe um olhar fixo na misericórdia e faz uma proposta urgente para ser aplicada na Igreja.

O percurso realizado até aqui nos mostra a riqueza do caminhar da Igreja e como a exortação do Papa Francisco vem para dar um sentido mais amplo às famílias, aos cristãos. É uma Exortação que nasce da própria vida e que a descreve com realismo e esperança. Por isso, não há escrúpulos em expressar o que se viu, se ouviu e se experimentou. Nela vislumbra-se que a única coisa que a move, em sua raiz, é o amor e a fé no Deus da vida. É, em suma, uma Exortação corajosa que ousa ser diferente dos estereótipos atuais em favor de uma vida digna.

De modo algum pretendo com esse estudo esgotar o que a Igreja pensa e diz sobre família e sexualidade, mas apresentar de modo sistematizado parte de uma grande tradição sobre o tema. Espero ter demonstrado o quão apaixonante é essa área de pesquisa, que, se Deus permitir, pretendo aprofundar em estudos futuros.

## 5 Referências bibliográficas

1. BENTO XVI. **Discurso no VII Encontro Mundial das Famílias em Milão (2 de Junho de 2012), resposta 5**. Vaticano: “L'Osservatore Romano”, edição de 09/06/2012. Não paginado. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf\\_be-n-xvi\\_aud\\_20120606.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_be-n-xvi_aud_20120606.html). Acesso em: 23 out. 2024.
2. BERGER, Peter Ludwig; BERGER, Brigitte. **Sociology: a biographical approach**. Putney: Basic Books, 1975. 392 p.
3. BÍBLIA de Jerusalém. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
4. CARRANZA, Brenda; SANTOS, Renan William dos; JÁCOMO, Luiz. Dimensões religiosas da radicalização política no Brasil contemporâneo. **Plural: Revista de ciências sociais**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 5-16, jun. 2021. Disponível em: [https://www.pliniocorreadeoliveira.info/wp-content/uploads/2023/06/TD\\_2021\\_dimensoes\\_religiosas\\_radicalizacao.pdf](https://www.pliniocorreadeoliveira.info/wp-content/uploads/2023/06/TD_2021_dimensoes_religiosas_radicalizacao.pdf). Acesso em: 04 nov. 2024.
5. **CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO**, promulgado por João Paulo II. Vaticano: 1983. 459p. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf). Acesso em: 07 nov. 2024.
6. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Considerações sobre os projectos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais**. Vaticano: 2003. Não paginado. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20030731\\_homosexual-unions\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20030731_homosexual-unions_po.html). Acesso em 27 out. 2024.
7. CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. **Documentos do Concílio Vaticano II**. Vaticano: 1964. Não paginado; LG. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html). Acesso em: 22 out. 2024.
8. FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. Vaticano: 2013. Não paginado; EG. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa)

- francesco\_esortazione-ap\_20131124\_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 30 out. 2024.
9. \_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica Amoris Laetitia**. Vaticano: 2016. Não paginado; AL. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html). Acesso em 23 out. 2024.
  10. JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Centesimus Annus**. Vaticano: 1991. Não paginado; CA. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_nc\\_01051991\\_centesimus-annus.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_nc_01051991_centesimus-annus.html). Acesso em: 21 out. 2024.
  11. \_\_\_\_\_. **Catecismo da Igreja Católica**. Vaticano: 1992. Não paginado. Cat. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/compendium\\_ccc/documents/archive\\_2005\\_compendium-ccc\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html). Acesso em: 25 out. 2024.
  12. \_\_\_\_\_. **Discurso do Papa João Paulo II na Assembléia Geral das Nações Unidas**. 1979. Não paginado. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19791002\\_general-assembly-onu.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/october/documents/hf_jp-ii_spe_19791002_general-assembly-onu.html). Acesso em: 21 out. 2024.
  13. \_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica Familiaris Consortio**. Vaticano: 1981. Não paginado. FC. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_19811122\\_familiaris-consortio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html). Acesso em: 22 out. 2024.
  14. KEENAN, James F. **Ler a Amoris Laetitia sob a nova luz da Páscoa**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/566905-ler-amoris-laetitia-sob-a-nova-luz-da-pascoa>. Acesso em 24 out. 2024.
  15. KISSLING, Frances. The problem: sex. In: ARMSTRONG, Karen (comp). **The Gospel According to Woman**. New York: Anchor Press/Doubleday, 1987. p. 39-40.
  16. KUZMA, Cesar. **Misericórdia e amor: ‘Amoris Laetitia’ como ponto de partida e não somente de chegada**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/553438-mise-ricordia-e-amor-amoris-laet>

- itia-como-ponto-de-partida-e-nao-somente-de-chegada-entrevista-especial-com-cesar-kuzma.: Acesso em 24 out. 2024.
17. MAZUELOS PÉREZ, J. Amoris Laetitia: Una nueva mirada sobre la familia . **Familia. Revista de Ciencia y Orientación familiar**, [S. l.], n. 61 (Especial), p. 13–37, 2024. DOI: 10.36576/2660-9525.61s.13. Disponível em: <https://revistas.upsa.es/index.php/familia/article/view/1234>. Acesso em: 25 out. 2024.
  18. MEJÍA, María Consuelo. Sexualidad y derechos sexuales: el discurso de la iglesia católica. **Debate Feminista**, [S.L.], v. 27, p. 45-56, 1 abr. 2003. Universidad Nacional Autonoma de Mexico. <http://dx.doi.org/10.22201/cieg.2594066xe.2003.27.759>. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/42624741>. Acesso em: 25 out. 2024.
  19. NASCIMENTO, Célia Regina Rangel. **MASCULINO E FEMININO NO CONTEXTO DA FAMÍLIA**: representações sociais e práticas educativas em famílias de classe popular. 2006. 249 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/96d99b16-71d4-4519-9021-fd6296f2ad35/content>. Acesso em: 27 out. 2024.
  20. OLIVEIRA, João Bosco; FONSECA, Aparecida de Fátima. **Casais em segunda união: uma visão pastoral**. São Paulo: Paulus, 2011.
  21. PAULO VI. **Declaração Gravissimum Educationis**. Vaticano: 1965. Não paginado; GE. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html). Acesso em: 23 out. 2024.
  22. POLLMANN, Karla; OTTEN, Willemien. De nuptiis et concupiscentia. In: POLLMANN, Karla; OTTEN, Willemien. **The Oxford Guide to the Historical Reception of Augustine**. Ohio: Oxford University Press, 2014. p.
  23. PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio de Doutrina Social da Igreja**. Vaticano: 2004. Não paginado. DSI. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html#:~:text=Comp%C3%AAndio%20da%20Doutrina%20Social%20da%20Igreja&text=Do%20Vaticano%2C%2029%20de%20Junho%20de%202004](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#:~:text=Comp%C3%AAndio%20da%20Doutrina%20Social%20da%20Igreja&text=Do%20Vaticano%2C%2029%20de%20Junho%20de%202004). Acesso em: 22 out. 2024.

24. SARACENO, Chiara; NALDINI, Manuela. **Sociologia da Família**. Tradução: Isabel Teresa Santos. 2ª edição actualizada. Editorial Estampa Ltda. Lisboa, 2003.
25. XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA. **A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo**. Vaticano: 2014. Não paginado. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20141209\\_lineamenta-xiv-assembly\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141209_lineamenta-xiv-assembly_po.html). Acesso em: 27 out. 2024.
26. XVI ASSEMBLEA GENERALE ORDINARIA DEL SINODO DEI VESCOVI. **Per una Chiesa Sinodale: comunione, partecipazione, missione (Documento finale)**. Vaticano: 2024. Não paginado; PCS. Disponível em: [https://www.synod.va/content/dam/synod/news/2024-10-26\\_final-document/20241107.Final-DOCUMENT-ITA-ok.pdf](https://www.synod.va/content/dam/synod/news/2024-10-26_final-document/20241107.Final-DOCUMENT-ITA-ok.pdf). Acesso em: 6 nov. 2024.
27. ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro (org.). **Discernimento Moral e Benignidade Pastoral: para além das incompreensões e resistências à amoris laetitia**. São Paulo: SBTM, 2021. 352 p.